



Por uma cultura de paz

132. RedeUnaViva: Meditação Cristã 132 – paragem 312 – 26.03.2017

JOÃO 7:25-36

A MORADA DO CRISTO

Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que a contestação da origem de Jesus não impede de que ele seja o Messias?
2. Por que seus interlocutores não poderão encontra-lo (nem depois da morte corporal)?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

3. Como visitar o Cristo em meditação?

132.1 Introdução: A Origem do Cristo.

Tendo Jesus concluído seu discurso de advertência aos fariseus, terminado sua peça de autodefesa, ainda ouviu comentários à meia voz, conforme nos relata João. Desta vez um daqueles cidadãos de Jerusalém, que já ouvira dos sacerdotes que o Nazareno deveria ser preso e que, inclusive, já havia ordem de prisão, questiona sobre o que está acontecendo. Quer saber porque este homem continua solto. Será que por falar como grande conhecedor das Escrituras sem jamais ter frequentado a Escola Rabínica, por praticar curas incríveis e demonstrações notáveis, será que por tudo isso os principais sacerdotes se convenceram de que ele é mesmo o Messias? O fato é que os sacerdotes estavam circulando pelo Templo, no mesmo lugar onde Jesus entrou e se pôs a falar, ou seja, ele estava alcançável. Se não o prendiam, motivo contrário devia ter aparecido. E mais, ele acabara de justificar a impertinência daquela perseguição. Será, então, que haviam descoberto ser ele portador do mandato messiânico?



Por uma cultura de paz

Mas outro da plateia pondera contra, por causa da sua origem. Antes haviam contestado sobre a fonte do seu saber. Dá quase no mesmo. A fonte do seu conhecimento é também a fonte da sua origem. Só que alegações sobre a fonte do conhecimento foram aventadas a seu favor, enquanto as da origem, contra. Aproveita o Mestre o mote para acrescentar outros adendos à sua defesa, para dar mais do mesmo.

A retórica de Jesus é de uma mestria excepcional. Sintética, objetiva, precisa. Parte de hipóteses em forma de perguntas, usa paradoxos, raciocínios circulares, com um fim único. Após empregar lógica irrepreensível, coloca seu interlocutor diante de uma conclusão que, para ser confirmada, precisará este ousar a entrar em dimensão diferente de investigação, que é a da experiência.

Veremos isto, nesses doze versículos de João, comparando-os com o discurso anterior, que ocorre na mesma ocasião.

132.2 Evangelho-parte 1: Dúvidas sobre a identidade de Jesus (Jo)

João 7:25-36
25. Diziam, então, alguns hierosolimitanos: "Não é este aquele a quem procuram matar?"
26. E eis que fala abertamente, e nada lhe dizem. Será que as autoridades verdadeiramente reconheceram que este é o Cristo?
27. Mas nós sabemos donde ele vem. E quando vier o Cristo, ninguém saberá donde é ele".

- | | |
|---|--|
| 1. Conversavam entre si alguns jerosolimitas: "não é este aquele a quem procuram matar?" | 3. No entanto, nós sabemos de onde ele vem; enquanto é aceito que quando o Cristo vier não se saberá de onde ele é". |
| 2. Mas fala tão livremente sem que nada lhe aconteça que parece terem as autoridades se convencido de que é mesmo ele o Cristo. | |

132.3 Evangelho-parte 2: Conhece o povo quem é Jesus e de onde vem? (Jo)

João 7:28-29
28. Então Jesus ergueu a voz no templo, ensinando e dizendo: "A mim conheceis e sabeis donde sou: e eu não vim de mim mesmo mas é verdadeiro aquele que me enviou, a quem vós não conheceis.
29. Eu o conheço, porque venho dele e ele me enviou".



Por uma cultura de paz

4. Ensinando, levantou Jesus a voz no Templo: “a mim conheceis e sabeis de onde eu sou, porém eu não vim de mim mesmo e aquele que me enviou vós não conheceis.
5. Mas eu o conheço porque dele venho e ele me enviou”.

132.4 Evangelho-parte 3: Apesar do mandado de prisão, Jesus continuava solto. (Jo)

João 7:30-32
30. Procuravam, pois, prendê-lo; mas ninguém pôs as mãos sobre ele, porque ainda não chegara sua hora.
31. Mas muitos do povo creram nele, e diziam: "Quando vier o Cristo, fará mais demonstrações do que este homem fez?"
32. Os fariseus ouviram a multidão murmurar essas coisas a respeito dele, e os principais sacerdotes e os fariseus mandaram seus empregados para prendê-lo.

6. Ouvindo este murmúrio da multidão a seu respeito, os principais sacerdotes mandaram empregados prendê-lo
7. Não obstante quererem prendê-lo ninguém punha a mão sobre ele porque sua hora ainda não chegara.
8. Muitos criam nele pelas evidências: fará outro, para ser tido como o Cristo, as demonstrações que ele faz”?

132.5 Evangelho-parte 4: Ainda permanecerá um breve tempo conosco. (Jo)

João 7:25-36
33. Mas Jesus disse: "Ainda um pouco de tempo estou convosco; depois vou para quem me enviou.
34. Procurar-me-eis, e não me encontrareis; e onde eu estiver, vós não podeis ir".
35. Perguntavam, pois, os judeus entre si: "Aonde estará ele para ir que não o acharemos? Acaso estará para ir à Dispersão dos gregos, e ensinará aos gregos?"
36. Que palavras são essas que ele disse: procurar-me-eis e não me encontrareis, e onde eu estiver, não podeis ir"?



Por uma cultura de paz

9. Ele esclarece: “ainda um pouco de tempo estou convosco; depois vou para quem me enviou.

10. Procurar-me-ei e não me encontrareis, porque onde eu estiver vós não podeis ir.”

11. Não entendiam os judeus e perguntavam para si: “aonde estará para que não o achemos? Acaso irá à Dispersão dos gregos e ensinará a estes?”

12. O que significa suas palavras: procurar-me-eis e não me encontrareis, porque onde eu estiver não podeis ir?”

132.6 Auto-indagação reflexiva e expansiva:

1. Por que a contestação da origem de Jesus não impede de que ele seja o Messias?

Em sua primeira manifestação, a plateia que assiste a oratória de Jesus, elogia seu conhecimento, de fonte ignorada; na segunda, questiona se ele ainda não fora preso por ter sido reconhecido como o Messias; e na terceira, objeta, em decorrência de sua origem ou natalidade ser notória. Tudo isso se insere em um mesmo momento, isto é, durante a celebração dos Tabernáculos, quando o Mestre discursa no Templo.

Na intenção de valorizar uma modalidade da magnífica retórica de Jesus, iremos comparar suas duas respostas – quanto à origem do seu conhecimento (MC-131) e quanto à sua própria origem (agora, MC-132) – até porque os conteúdos das respostas apontam para um mesmo princípio.

Na primeira, ele responde: **“meu ensino não é meu, mas daquele que enviou. Se alguém quiser executar a vontade dele, saberá a respeito do (deste) ensino, se é de Deus ou se falo por mim mesmo”**.

Na segunda, ele explica: **“a mim conheceis e sabeis donde sou: e eu não vim de mim mesmo, mas é verdadeiro aquele que me enviou, a quem não conheceis”**.

Reformulando sua palavra para propor um raciocínio comparativo, temos:

Na primeira: *“meu ensino não é meu* (leve e intencional contradição, em que afirma para negar – *meu* é igual a *não-meu*), *é daquele que me enviou”*.

Na segunda: *“me conheceis e sabeis a minha origem, mas eu não vim de mim mesmo* (o mesmo tipo de contradição – *eu não vim de mim*);outrossim, *é verdadeiro aquele que me enviou”*. **A última oração é substituível por, “é verdade que aquele me enviou”, ou, “aquele que me enviou é verdadeiro, é real”**.



Por uma cultura de paz

Como verificar as afirmativas: na primeira, *que seu ensino é daquele que o enviou*, e na segunda, *é verdadeiro aquele que me enviou*, ou, *aquele que me enviou é verdadeiro*?

Na primeira, ele complementa: “se alguém quiser executar a vontade dele, saber a respeito do seu ensino... precisará se dispor a conhecê-lo”. Na segunda: “aquele que me enviou não o conheceis”.

Na primeira está a dizer: “se alguém se dispuser a verificar a veracidade da minha assertiva, que é o mesmo que conhecer a vontade daquele me enviou, saberá que a doutrina que ensino vem dele e, portanto, eu não falo por mim mesmo”. Assim sua premissa (assertiva) é/seria confirmada.

Na segunda: “o Messias vem de um lugar desconhecido. Considerais eu não poder ser o Messias porque me conheceis e sabeis de onde eu venho. Mas isto não é verdade. Eu não venho de mim mesmo. Venho daquele que me enviou e que não conheceis. Se não conheceis aquele que me enviou, não conheceis de onde eu vim. Por esta condicional, posso ser o Messias”.

Ambas falas não apenas apresentam a mesma lógica demonstrativa, mas também nos coloca diante de um desafio para além da racionalidade. Ele apresenta sua dupla identidade – Jesus de Nazaré e o Cristo de Deus – e nos atiza a buscar o mesmo em nós. Aplica-se para mim, para você. Eu sou Luiz Carlos Bernal de Gurinhatã e o Cristo de Deus. Você, respectivo e idem.

A modalidade da sua retórica, exposta tanto numa quanto noutra resposta, conduz o interlocutor, por lógica irretorquível, usando a indagação e a objeção deste, a uma conclusão finalista, tão própria dos teoremas matemáticos. Caberia apor o clássico *cqd* – “*como queríamos demonstrar*”.

Mas não termina aí. Ele nos levou ao extremo máximo alcançável pelo intelecto. A partir daí, há outra jornada, a da experiência. Mas esta é de outra ordem, da ordem do inefável. Quem se propõe a assumi-la?

2. Por que seus interlocutores não poderão encontra-lo (nem depois da morte corporal)?

Explorando o final do seu discurso, temos:

“Não conheceis aquele que me enviou. Se o conhecêsseis saberiam qual é a sua vontade. Conhecendo sua vontade a executaria e saberíeis, por vós, que não há em mim desonestidade, mentira, blasfêmia. Terias a mesma experiência que eu tenho, e a prova, em vez de racional ou demonstrativa, seria experiencial. Como não vos dispõe a



Por uma cultura de paz

encetar tal busca e a realizar esta experiência, e, considerando que em breve partirei, e, partindo, irei para a instância de onde eu vim, para aquele que me enviou, não me alcançareis, porque lá não podeis ir, ou, não vos dispõe a ir”.

Como o povo fica no raciocínio raso, não alcança o sentido da direção do seu percurso – ir para quem o enviou – como desafio proposto aos fiéis. Tem a plateia reação similar a de Nicodemos – achar que para nascer de novo era preciso, depois de adulto, voltar ao ventre da mesma mãe –, ou quando pede aos discípulos na proa do barco, para não se esquecerem do fermento dos fariseus, e eles entendem como uma repressão por não terem cuidado de trazer o pão para a travessia. Mas poderemos penetrar o espírito da afirmação com que pauta os interlocutores. Isto é, desde que nos dispusermos a ir além da negação embutida no primeiro entendimento – aonde eu estiver, vós não podeis ir.

Não se trata do lugar a que foram os israelitas da dispersão, os judeus helênicos, ou a outras terras estrangeiras à Palestina. É a instância adimensional do Espírito, e no seu caso, a do Espírito puro.

Entendendo a complexidade do ser humano, que é espírito, alma e personalidade, e que, como espírito, migra do alto para se manifestar na Terra, compreende-se que ele irá a uma instância inacessível aos humanos.

Por ato de grande amor, enviado por Deus, desceu até nós. Precisou o Espírito perfeito que é plasmar, no plano astral, sua condição de alma e, no plano material, sua condição de personalidade. Este tempo de descensão ficou para nós como não demarcável. O de retorno, três dias depois da crucificação, numa primeira fase – a da ressurreição – e 40 dias, na segunda – a da ascensão. Enquanto se livrasse dos fluídos pesados da materialidade do planeta, realizaria funções importantes para o desfecho da sua nobre missão. Com a ressurreição, ele demonstraria a imortalidade do Espírito, permitindo um segundo nascimento dos apóstolos, já que se dispersariam depois do trauma do calvário. E por 40 dias continuou se manifestando para os íntimos, como narrado no Ato dos Apóstolos, até se desfazer dos fluídos do plano astral, para, então, ascender para aquele que o enviou, numa dimensão da vida que nós não podemos ir até que se cumpra o rigoroso trabalho do autoaperfeiçoamento.

Estava ele complementando o início da sua resposta, isto é, sobre a sua origem, contando-nos de que para ela retornaria. Como não podemos ir, não há como conhecê-la.



Por uma cultura de paz

132.7 **Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:**

3. Como visitar o Cristo em meditação?

Quiseram te matar, e mataram, Mestre, tu que és vida. Por ensinar a verdade que contraria a linha de interesse imediato dos poderosos, te fixaram no madeireiro desumano. Aqueles, os detentores de um pseudo poder, pois que este é datado. Se a derrocada não leva este poder porque ela não chega, e a doença somente o suspende pois que é transitória, a morte, inexorável, sem apelação, decreta seu fim. A realidade maior se impõe. Verificamos: nossa força, sem Deus, é simples artefato da ignorância, miragem da loucura.

Por isso, amigo divino, procuro olhar ao meu derredor as ameaças de morte que me espreitam. Não a morte do corpo, que preciso evitar, por já ter aprendido o valor da encarnação, com suas diversas oportunidades de aprendizado. Procuro divisar, então, aquilo que dizima a alma, porque isto me é imperioso afastar. Mas até mesmo o cuidado com o organismo físico pode trazer esta morte embutida. Por exemplo, quando me esforço para ter o corpo sem máculas, esculturar a forma apolínea ou perenizar a beleza da juventude. São esforços vãos, porque o tempo carimba a máquina com as marcas de efemeridade próprias da matéria.

Aceitá-las, porque fazem parte, é acertada decisão, mormente quando se concilia com o empenho naquilo que fortalece a alma.

Faço de tudo, ou quase tudo, que o espírito crístico me assopra, visando harmonizar os filtros da personalidade a fim de que, por caminhos abertos, a essência esteja livre para a condução pertinente.

Dispor dos ouvidos e olhos para acolher o que me traz o semelhante e ao mesmo tempo ancorá-los na fonte viva do coração. Assim, ser capaz de responder a contento os desafios do dia, permitindo que o Espírito reja o solo da personalidade e harmonize a cadência da música sobre a pauta que a família propõe, os amigos oferecem e o serviço me cobra.

Morrer para as relutâncias que de dentro de mim, em vagas, me assombram, querendo fazer valer caprichos do personalismo. Devo renuncia-las como sendo a boa morte dos desejos.

Descobrir que minha origem é divina e que minha cidade natal só confere o porto de partida da romagem atual. Batalhar sempre para vivenciar esta dimensão sutil da fonte que é Deus em mim.



Por uma cultura de paz

Por quanto tempo ainda tiver de permanecer aqui, que eu saiba valorizar a oportunidade de aprender e o tempo de servir. O conhecimento nobre me dirige rumo à verdade, e a caridade me ensina a vivência de unidade com o próximo que, em essência, é tão similar à comunhão com Deus.

Não sendo o suficiente para adentrar a dimensão do espírito, sem forma e sem tempo, que seja minha consciência a morada que habilito para te receber, Cristo amigo, quando me sento para meditar e orar.

132.8 Versículo(s) para a meditação: João 7:28 ou 33 e 34.

28. Então Jesus ergueu a voz no templo, ensinando e dizendo: "A mim conheceis e sabeis donde sou: e eu não vim de mim mesmo, mas é verdadeiro aquele que me enviou, a quem vós não conheceis.

OU

33. Mas Jesus disse: "Ainda um pouco de tempo estou convosco; depois vou para quem me enviou.

34. Procurar-me-eis, e não me encontrareis; e onde eu estiver, vós não podeis ir".

RedeUnaViva: Meditação Cristã 133 – paragem 313 – 02.04.17

JOÃO 7:37-44